

Milliet espera um acordo hoje

O assessor especial do Ministério da Fazenda para assuntos da dívida externa, Fernão Bracher, não recebeu qualquer instrução para suspender os entendimentos com o comitê de assessoramento dos bancos credores, informou ontem o presidente do Banco Central, Fernando Milliet de Oliveira, ao desmentir a manchete da edição de ontem de **O Globo**.

De público, Milliet de Oliveira mantém a previsão da véspera, transmitida aos membros da Comissão da Dívida Externa do Senado Federal, de que o acordo provisório com os bancos credores sairá ainda hoje ou amanhã. Mas, na reunião convocada pelo presidente José Sarney, ontem à tarde, o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, e o presidente do Banco Central não manifestaram o mesmo otimismo dos dias anteriores.

A reação firme de setores do PMDB à suspensão da moratória parcial da dívida reduziu a margem

de negociação de Fernão Bracher, em Nova Iorque. Pior ainda é que os membros do comitê de assessoramento dos bancos credores exigem concessões adicionais para quebrar a resistência dos pequenos bancos ao acordo provisório.

O ex-presidente do Banco Central e diretor financeiro do Banco Econômico, Carlos Brandão, disse esperar que o Brasil não cometa o erro de tumultuar ainda mais a renegociação da dívida, ao adiar fechamento de um acordo à espera de eventual decisão da Argentina também pela moratória. "Se isso ocorrer, mais uma vez, o Brasil se coloca na contramão da solução de sua crise cambial" — afirmou Brandão.

Para o diretor do Banco Econômico, se forem agravadas as relações do Brasil com a comunidade financeira internacional, o Governo brasileiro não terá como controlar os problemas econômicos internos. Na opinião de Brandão, a classe política deve pensar melhor e eliminar o pre-

conceito contra o Fundo Monetário Internacional (FMI). Lembrou que, no governo passado, o Brasil assinou seis cartas de intenções com o FMI e, "nem por isso, deixou de fazer exclusivamente o que queria".

O presidente da Confederação Nacional do Comércio e membro do Conselho Monetário Nacional, Antônio de Oliveira Santos, também qualificou de conveniente a ida imediata ao FMI e o fechamento do acordo com os bancos credores. "Se o Brasil insistir em dizer que não paga, fechará o mercado para os seus produtos. Sem exportação, a crise brasileira tomará dimensão insuportável. Aliás, a postura brasileira passou a ser questão de moral, de ética. Afinal, quem deve tem que pagar. Então, qual a razão de criticar o pagamento simbólico de 500 mil-ões de dólares" — disse o representante do comércio e coordenador da União Brasileira de Empresários.